

OPINIÃO

Um mundo complexo: como as empresas devem enfrentar riscos cada vez mais interconectados

Alejandro Galizia (*)

Nosso primeiro *Client Trends Report*, lançado no ano passado, identificou quatro grandes "megatendências" — ou profundas transições — que estavam moldando as decisões empresariais: comércio, tecnologia, clima e força de trabalho.

A edição de 2025 deste relatório apenas confirma o que já vínhamos observando: essas tendências continuam dominando a agenda corporativa e estão cada vez mais interconectadas, o que as torna ainda mais complexas.

A integração da inteligência artificial (IA) nos recursos humanos é fundamental, pois está transformando profundamente os cargos e as competências exigidas em todos os setores. Segundo o Relatório sobre o Futuro do Emprego 2025, do Fórum Econômico Mundial, 39% das habilidades atualmente demandadas no mercado de trabalho serão transformadas ou se tornarão obsoletas entre 2025 e 2030, em função da IA. Essa tecnologia também já está presente nos processos de recrutamento, atração e retenção de talentos. Enquanto as empresas trabalham para se adaptar e se beneficiar desse novo cenário, é essencial que garantam que suas equipes possuam as habilidades técnicas necessárias para acompanhar essa transformação.

A força de trabalho também está sendo fortemente impactada pelas mudanças climáticas. A crescente frequência de eventos climáticos extremos representa riscos significativos para a saúde e produtividade dos trabalhadores. A preparação proativa para desastres e o planejamento de continuidade são essenciais para mitigar esses impactos e garantir suporte aos colaboradores durante e após essas situações. Um dado que ilustra essa realidade: 2,2% do total de horas trabalhadas no mundo serão perdidas devido às altas temperaturas — uma queda de produtividade equivalente a 80 milhões de empregos em tempo integral, segundo a Organização Internacional do Trabalho.

Outro exemplo importante de interconexão: a volatilidade climática está afetando as rotas comerciais globais, comprometendo a confiabilidade das cadeias de suprimento e

a estabilidade financeira. Em 2024, os desastres naturais causaram perdas econômicas globais de US\$ 368 bilhões — 60% desse valor não estava coberto por seguros, conforme aponta o Climate and Catastrophe Report 2025, elaborado pela Aon. Isso mostra como o comércio se torna cada vez mais desafiador, especialmente diante de fatores adicionais como instabilidade geopolítica, inflação e flutuações cambiais.

Integrar as avaliações de risco climático ao planejamento estratégico deixou de ser uma opção e passou a ser uma ferramenta essencial para desenvolver cadeias de suprimento mais diversificadas e tomar decisões mais assertivas na gestão de pessoas.

Por último, os avanços tecnológicos estão transformando o comércio global, que atingiu um recorde de US\$ 33 trilhões em 2024, com crescimento de 3,7%, segundo dados da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD). As inovações impulsionadas pela IA aumentam a eficiência e aprimoram os serviços e operações comerciais — estima-se que possam elevar o comércio global em aproximadamente 14 pontos percentuais até 2040, segundo a Organização Mundial do Comércio. No entanto, essas inovações também trazem ameaças em termos de cibersegurança e desafios regulatórios. As empresas precisam equilibrar a adoção tecnológica com estratégias robustas de gestão de riscos para tirar o máximo proveito dos avanços. De acordo a Pesquisa Global de Gestão de Riscos da Aon, ataques cibernéticos/violação de dados assim como mudanças regulatórias/legislativas estão entre os cinco principais riscos às empresas brasileiras a curto prazo.

Os exemplos analisados refletem um presente no qual os desafios enfrentados pelas empresas passam por compreender essas interações, lidar com a complexidade e identificar oportunidades. A melhor estratégia para navegar por essas megatendências em constante evolução é contar com uma consultoria especializada, com experiência e conhecimento orientado por dados sobre riscos e capital humano — um apoio estratégico essencial para tomar decisões mais informadas e alcançar os objetivos estabelecidos.

(*) CEO para a América Latina na Aon.

Dólar digital avança no Brasil e transforma pagamentos internacionais também no Turismo

O uso de stablecoins em pagamentos internacionais tem avançado de forma acelerada no Brasil. Somente no primeiro semestre de 2025, foram negociados cerca de R\$48 bilhões em Tether (USDT), a principal stablecoin, lastreada em dólar, do mercado. O volume representa um crescimento de aproximadamente 78,4% em relação ao mesmo período de 2024, segundo dados da plataforma Biscount Monitor, do Bitybank.

Você está trocando água por likes e talvez nem saiba disso

Você já parou para pensar que cada imagem gerada por inteligência artificial, aquelas que viralizavam nas redes com filtros de Studio Ghibli ou retratos hiper-realistas, pode estar sugando recursos naturais preciosos do planeta?

Fernando Moulin (*)

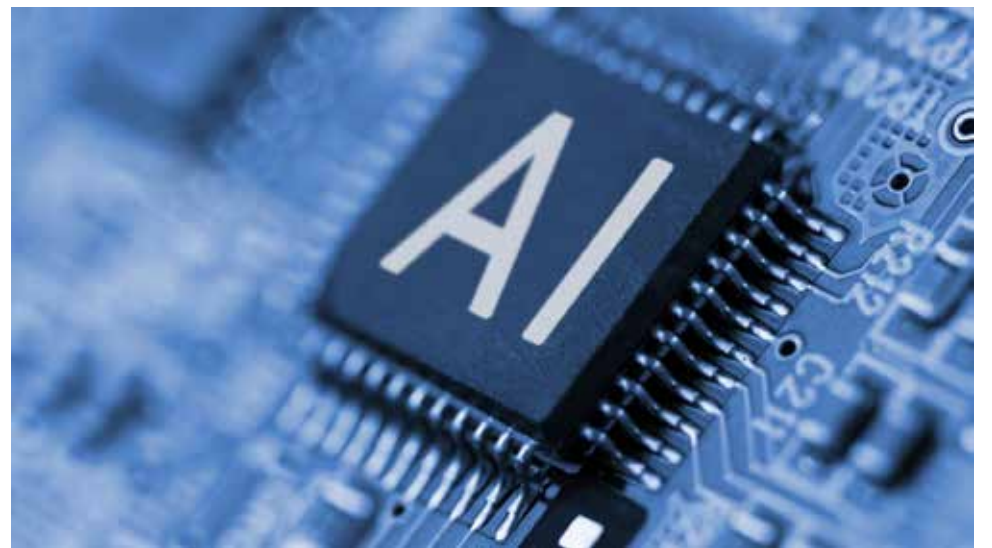
Enquanto a indústria de tecnologia celebra a revolução da IA generativa, um custo ambiental invisível — e muitas vezes ignorado — está se acumulando nos bastidores: o consumo estratosférico de água necessário para manter os servidores que alimentam essas ferramentas funcionando. E o pior? Ninguém está falando sobre isso com a urgência que o tema exige.

A conexão entre IA e água não é óbvia, mas é direta. Tudo começa nos data centers, verdadeiros "cérebros" digitais onde milhões de processadores trabalham 24 horas por dia para responder às nossas perguntas ao ChatGPT ou criar imagens e vídeos surrealistas. Essas máquinas geram calor intenso — tanto que, sem sistemas de resfriamento, derreteriam em minutos. É aí que entra a água: gigantescos sistemas de refrigeração usam o líquido para absorver esse calor, em um processo contínuo que consome o equivalente a piscinas olímpicas diárias. Um estudo da Universidade da Califórnia revelou que uma única conversa de 100 palavras com o ChatGPT bebe até 500 ml de água limpa. Agora multiplique isso pelos 100 milhões de usuários semanais que a OpenAI afirma ter — e imagine o volume.

Imagens tem ainda mais sede

E as imagens? São ainda mais sedentas. Gerar uma ilustração detalhada em IA exige até 10 vezes mais poder de processamento que um texto simples, segundo pesquisadores da Universidade de Carnegie Mellon. Cada prompt artístico — seja um dragão alado em 4K ou uma selfie estilo anime — pode demandar energia suficiente para manter uma lâmpada LED acesa por horas e litros de água evaporando em torres de resfriamento. Enquanto isso, empresas como Microsoft e Google, que dominam o mercado de nuvem onde essas IAs rodam, admitem em relatórios de sustentabilidade consumir bilhões de litros de água anualmente, mas não detalham quanto disso vai especificamente para a febre das imagens generativas.

A ironia é cruel: em um planeta onde 2,2 bilhões de pessoas não têm acesso à água potável, segundo a ONU, data centers na região do Arizona (EUA) — um estado em crise hídrica crônica — usam água potável para resfriar servidores que produzem memes de gatos em IA. Na Holanda, protestos recentes contra a expansão de data centers da Microsoft destacaram o risco de essas instalações consumirem até 84% da água disponível em algumas localidades até 2030.



Yakobchuk_CANVA

E não é só no primeiro mundo: no Chile, onde uma mega seca dura 14 anos e afeta diversas regiões do país, projetos de data centers já enfrentam resistência popular.

A falta de transparência é alarmante. Enquanto uma empresa de agronegócio precisa declarar cada litro usado na irrigação, as Big Techs escondem seus números reais atrás de jargões como "eficiência hídrica" e "reabastecimento sustentável". Um relatório do Instituto de Pesquisa em Inteligência Artificial do Canadá expôs que 65% da água usada em data centers vem de fontes municipais — a mesma que abastece residências —, mas menos de 20% das empresas divulgam como compensam esse impacto. A Microsoft, que promete ser "positiva em água" até 2030, vazou internamente em 2023 que seu consumo global de água subiu 34% no ano anterior, impulsionado justamente pela demanda por IA.

O que está em jogo vai além de estatísticas. Na Índia, onde 21 cidades devem esgotar suas reservas subterrâneas até 2025 segundo o governo, data centers já consomem água equivalente ao uso doméstico de 2 milhões de pessoas. No Texas, o coração da IA americana, poços artesanais secaram em comunidades rurais próximas a complexos de servidores. São conflitos que revelam uma verdade inconveniente: a nuvem digital não flutua no vácuo — ela está fncada em solo real, disputando cada gota com populações vulneráveis.

Uma saída para a computação não acabar com a água

Mas há saídas. Algumas empresas, como a chinesa DeepSeek, mostram que é possível reduzir em 70% o consumo de recursos com arquiteturas de IA mais eficientes. Na

Islândia, data centers usam energia geotérmica e ar frio natural para minimizar a necessidade de resfriamento hídrico. Para especialistas, porém, soluções isoladas não bastam. É preciso regulação dura: desde impostos sobre o "hidro-lixo" digital até leis que obriguem empresas a revelarem em tempo real o custo hídrico de cada imagem gerada — assim como já fazem com pegada de carbono em alguns países.

Usuários também têm poder. Que tal um "selo de sede" em ferramentas de IA mostrando quantos litros de água sua selfie futurista consumiu? Ou browsers que bloqueiam modelos não sustentáveis, como já ocorre com sites não HTTPS? Enquanto isso, artistas digitais começam a adotar o "low-tech AI", usando algoritmos simplificados que priorizam economia de recursos sobre hiper-realismo.

A verdade é que não há filtro de IA capaz de retocar esta realidade: cada imagem generativa é, também, um espelho distorcido de nossa hybris tecnológica. Enquanto compartilhamos memes gerados por algoritmos, comunidades carentes ao redor do planeta continuam pagando um preço por décadas, com sede concreta. A menos que exijamos transparência e inovação responsável, a conta da revolução da IA poderá em breve vir não em terabytes, mas em um número ainda maior de rios secos e reservatórios vazios. O futuro não precisa escolher entre criar arte digital ou ter água para viver — mas para evitar esse falso dilema, é preciso começar a discutir o que realmente está por trás da "mágica" da IA — e usar toda a beleza dessa capacidade incrível de processamento em prol de um mundo mais sustentável e justo.

(*) Partner da Sponsorb, professor e especialista em negócios, transformação digital e experiência do cliente

News @TI

ricardosouza@netjen.com.br

Eletronet será a Primeira Operadora a Ancorar no novo data center da Atlantic em Recife

@ A Eletronet, operadora nacional de telecomunicações e parte do grupo Eletronet, será a primeira operadora a estabelecer conexão direta com o data center Recife1, da Atlantic Data Centers, que está em construção com inauguração prevista para o primeiro trimestre de 2026. Esta movimentação posiciona a Eletronet como um catalisador do tráfego de dados deste data center para os grandes centros de consumo e interconexão, com um olhar especial para Fortaleza e São Paulo, que funcionam como os principais centros de tráfego do Brasil. A parceria garante que a infraestrutura de alta criticidade da Atlantic já nasce com uma conexão de alta performance e resiliência, atendendo imediatamente às demandas de um mercado em constante evolução. Ao ser a primeira empresa de telecom a confirmar sua presença dentro deste novo ponto de interconexão na capital pernambucana, a Eletronet demonstra sua confiança e visão de futuro neste novo projeto.

Tecnologia permite que qualquer aplicativo móvel detecte e alerte sobre logins suspeitos

@ O IDAnchor cria uma "cadeia de confiança" ao vincular a identidade do usuário a um dispositivo específico, utilizando uma combinação de identificadores e atributos do aparelho. O sistema verifica se

a tentativa de login vem do dispositivo previamente registrado pelo usuário. Caso um dispositivo não reconhecido, uma reinstalação do app ou outra anomalia seja detectada, o IDAnchor dispara um alerta imediato ao usuário, permitindo ação rápida para proteger sua conta. Essa proteção contínua opera de forma transparente, mesmo quando o aplicativo não está em uso. Essa abordagem garante proteção contínua contra fraudes, mesmo quando o app está fechado, ajudando os desenvolvedores a elevar a segurança sem comprometer a experiência do usuário.

ICEYE firma acordo com a MAPFRE RE para fornecer dados globais de inundações por satélite

@ A MAPFRE RE, uma das principais resseguradoras globais, assinou um acordo com a ICEYE, especialista em soluções de gerenciamento de desastres baseadas em satélites, para licenciar os dados de inundações Flood Insights em escala mundial. A parceria tem como objetivo reforçar a capacidade da MAPFRE RE de responder de forma rápida e eficaz a eventos catastróficos naturais. Por meio do acordo, a MAPFRE RE integrará os dados de inundações quase em tempo real da ICEYE à sua estrutura de resposta a eventos catastróficos. O acesso a informações de danos em alta resolução permitirá à companhia estimar rapidamente as perdas e ter uma visão imediata dos impactos financeiros em seus portfólios de resseguro (www.iceye.com).